

AMÉLIA ALVES

Leis Abolicionistas

Dos tratados pela abolição
do tráfico de africanos à Lei Áurea

✂ *Fundamentos do racismo no Brasil* ✂



Cuiabá | 2023

© 2023. Todos os direitos desta edição reservados para Amélia Alves e Entrelinhas Editora.

Editora Maria Teresa Carrión Carracedo
Projeto gráfico Helton Bastos
Revisão Marinaldo Custódio
Assistente na edição Rafael Carracedo Ozelame
Arte da capa e Arte-finalização Maike Vanni
Pesquisa iconográfica Maria Teresa Carrión Carracedo
Produção gráfica Ricardo Miguel Carrión Carracedo

Imagens da capa:

1º plano: *Escravidado com escarificações no rosto*, c. 1864, Rio de Janeiro.
Augusto Stahl | Coleção Gilberto Ferrez | Acervo do Instituto Moreira Salles

2º plano: *Fazenda Monte Café*, c. 1882, no Vale do Paraíba.
Marc Ferrez | Coleção Gilberto Ferrez | Acervo do Instituto Moreira Salles

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Alves, Amélia

Leis abolicionistas: dos tratados pela abolição do tráfico de africanos à Lei Áurea: fundamentos do racismo no Brasil / Amélia Alves. -- Cuiabá, MT: Entrelinhas Editora, 2023.

Bibliografia.

ISBN 978-65-86328-64-6

1. Abolicionistas - Brasil 2. Abolição - Leis e legislação - Brasil 3. Escravidão - Brasil - História 4. Preconceitos - Aspectos sociais 5. Racismo - Aspectos sociais 6. Tráfico de escravos - Brasil - História - Século 19 I. Título.

22-125060

CDD-981

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Abolição : História social 981

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380



Av. Senador Metelo, 3.773 | Jardim Cuiabá | CEP 78.030-005 | Cuiabá-MT
Tel.: 65 3624 5294 | 3624 8711
editora@entrelinhaseditora.com.br • www.entrelinhaseditora.com.br

“Articular o passado historicamente não
significa conhecê-lo ‘tal como ele propriamente foi’.
Significa apoderar-se de uma lembrança tal qual ela cintilou
no instante de um perigo.¹”

Walter Benjamin

1 Esta frase, emprestada – como homenagem e constatação do valor sempre atual da obra de Célia Maria Marinho de Azevedo: *Onda negra, medo branco: O negro no imaginário da elite no séc. XIX*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1987. Walter Benjamin diz, exatamente, o que Célia Maria quis mostrar; e este livro quis se apoderar da lembrança, nas leis abolicionistas, da construção dos ‘instantes de um perigo’.

Para Sérgio Correia Alves Filho.
Mestiço de negros e indígenas,
nascido no auge do programa nacional de eugenia,
trouxe na pele o problema da cor;
e por isto era apontado, nas ruas e campos de futebol
de Marília como: “aquele preto!”.

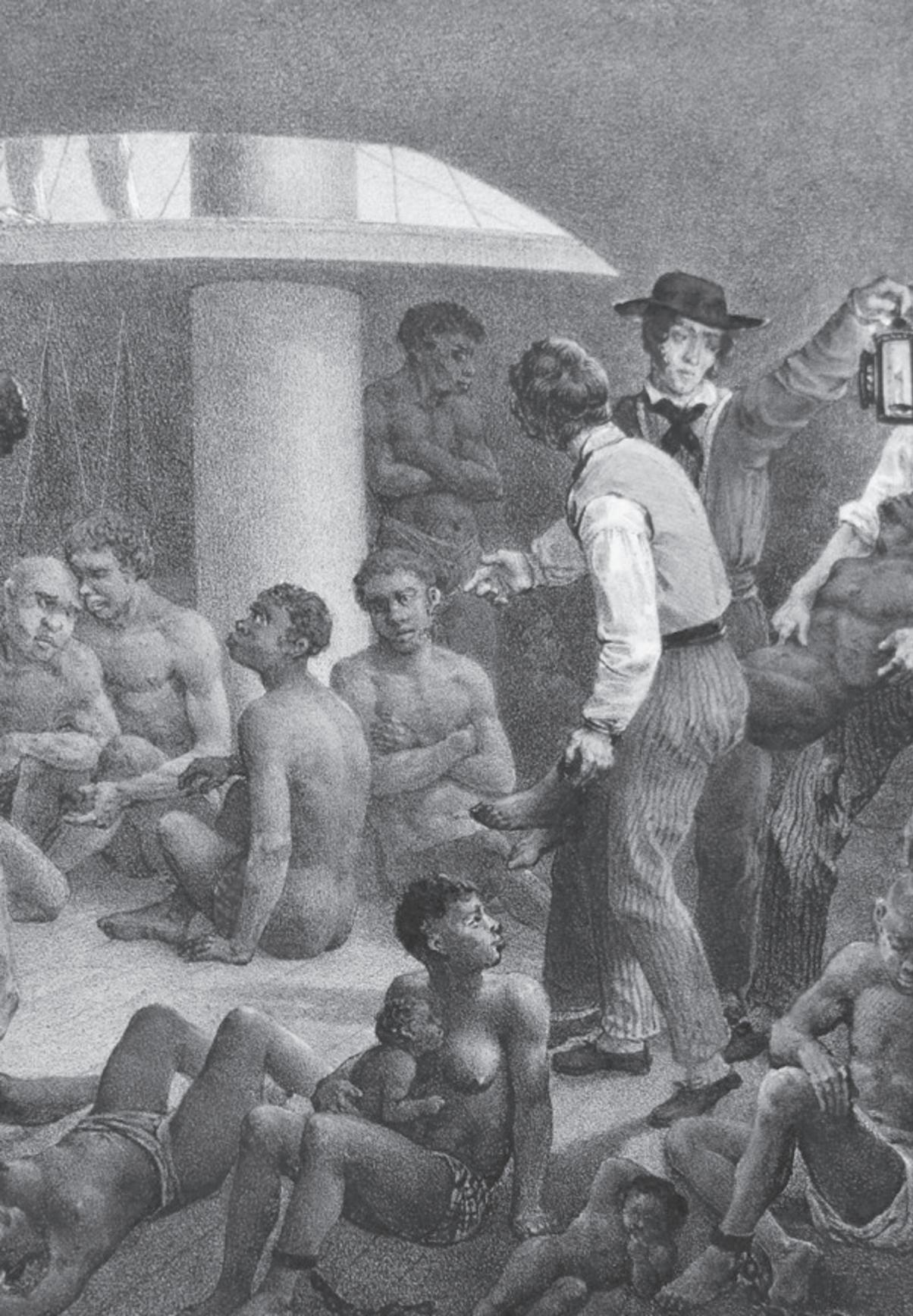
Aquele homem preto, resiliente
e determinado era meu pai.

Prólogo

Como ferramenta para uma releitura e análise crítica das Leis Abolicionistas, considerando o contexto econômico, cultural e social do período histórico aqui abarcado, este livro procura não incorrer no erro do anacronismo. Entretanto, a história do avanço e exploração ocidental sobre os territórios americano e africano afetou, brutal e mortalmente, a vida local do lado de cá e do lado de lá do Atlântico, irreversivelmente. Começando pela ocupação e exploração das riquezas naturais destes territórios, sustentados na oportuna crença da hegemonia branca, ocidental e cristã, submeteu suas populações ao desterro e à escravidão.

É a partir do processo de virada econômica desta macro-história no início do século XIX: passagem da exploração escravista colonial para exploração capitalista e as micro-histórias a ele submetidas – que aqui trabalhamos. Quais foram os caminhos e descaminhos para o fim do tráfico? Como foi a reação do Brasil enquanto colônia portuguesa e enquanto Brasil Império? Quando se dá, enfim, o envolvimento de parlamentares e da sociedade, no abolicionismo? Qual era o discurso das figuras de destaque neste cenário, sobre a população a ser emancipada? Quais eram os discursos contrários à emancipação? Por fim, a abolição total correspondeu aos anseios dos libertos por acesso à cidadania ou aos de um país pretenso à europeização? Muitas perguntas; necessárias nos debates em sala de aula, incentivando a conscientização da juventude sobre a premência da prática do antirracismo. Para tanto, é essencial o conhecimento das infraestruturas, das bases econômicas, culturais e sociais que formaram um Brasil racista nas estruturas, que se perpetuam.

No intuito de ouvir um professor do Ensino Básico, sobre os temas que vinham sendo desenvolvidos neste livro, fiz o convite para a mestre historiadora, antropóloga e professora de escola pública, Camila Rodrigues Viana, na expectativa de sua avaliação sobre a contribuição que poderia oferecer, em sala de aula. Agradeço imensamente sua paciência e comentários incentivadores.



Sumário

Prólogo 11

PARTE I

A escravidão, da alvorada do século XIX a 1869 17

A alvorada do século XIX, no coração da África negra.....	19
Tratado de Aliança e Amizade de fevereiro de 1810	31
Tratado de Aliança e Amizade de 22 de janeiro de 1815	37
Carta de Lei de 8 de novembro de 1817	41
Alvará de 26 de janeiro de 1818	43
Tudo tem um preço. A Independência, também	48
Carta de Lei de 23 de novembro de 1826	67
Lei de 7 de novembro de 1831	75
Bastidores britânicos da Lei Euzébio de Queiroz.....	89
Lei nº 581 de 4 de setembro de 1850	97
Lei nº 601 de 18 de setembro de 1850	103
Decreto nº 1.303 de 28 de dezembro de 1853.....	113
Africano livre: já que está, fica	113
Decreto de 5 de junho de 1854.....	115
Decreto nº 3.310 de 24 de setembro de 1864.....	121
O Imperador e a Abolição	127
Decreto nº 1.695 de 15 de setembro de 1869	133

PARTE II

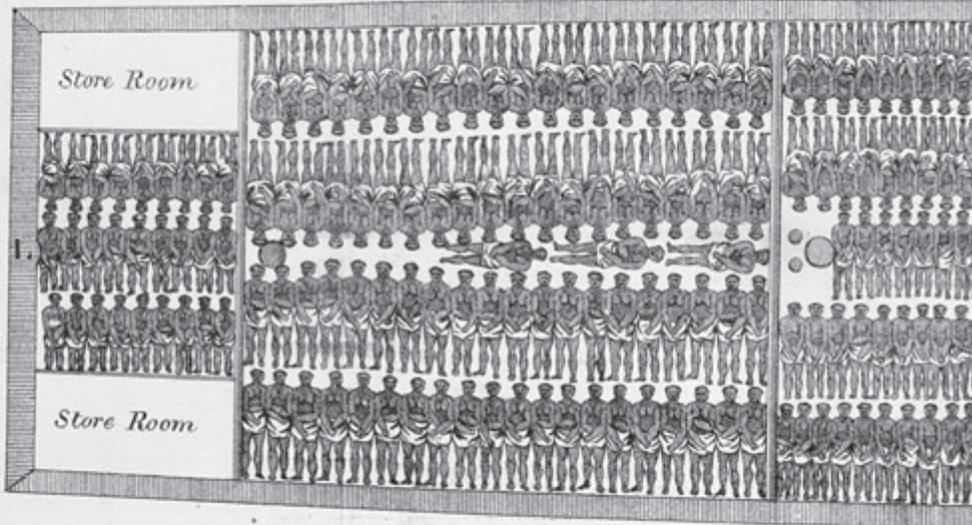
Movimentos Abolicionistas, Lei do Ventre Livre e Lei Áurea 145

Eis que se manifestam, no Brasil, as Sociedades Abolicionistas	147
Quando o crime esbarra em Luiz Gama	148
As Mulheres Abolicionistas.....	161
Ninguém mais nasce escravo! É bonito.	167
Lei nº 2.040 de 28 de setembro de 1871	173
Decreto nº 4.835 de dezembro de 1871	183
Relação de escravos idosos matriculados em 1872.....	185
Novo decreto em 20 de setembro de 1876	195
A sorte estava então, lançada: os Fundos de Emancipação.....	197
O Projeto Dantas e o erro do Imperador	201
Lei nº 3.270 de 28 de setembro de 1885	211
O valor da mulher negra escravizada	223
As mulheres insignificantes, e as outras.....	226
Ser escravizado(a) no campo e na cidade.....	229
Nabuco apela, o papa se inclina e a princesa se rende.....	237
Que país seria este?	251
Liberdade, igualdade e fraternidade, para quem?	252
Considerações finais	257
Adendo	263
Fonte documental	271
Referências	275

PARTE I

PLAN OF LOWER DECK WITH
130 OF THESE BEING STOWED UNDER THE SH

Fig 2.



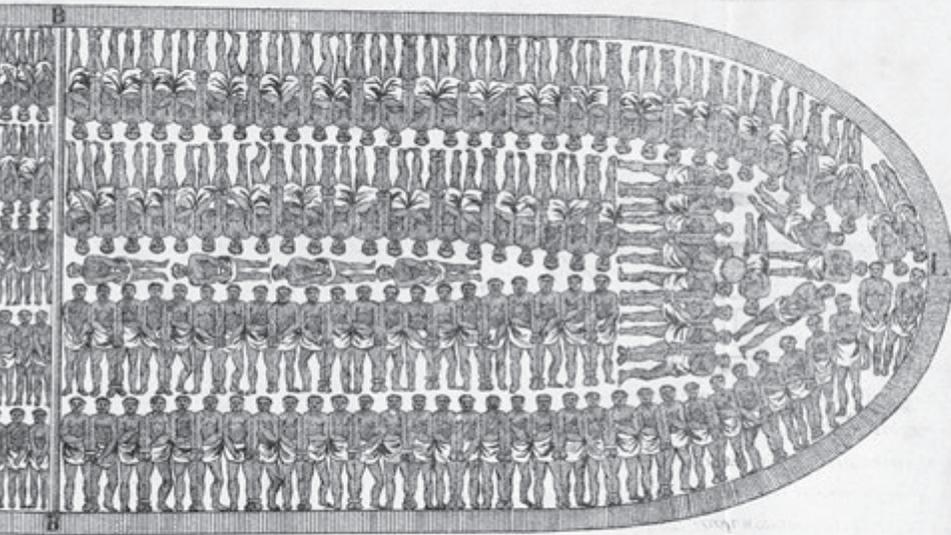
PLAN SHEWING THE STOWAGE OF 130 ADDITIONAL SLAVES ROUND THE WINGS OF
(IN THE MANNER OF GALLERIES IN A CHURCH) THE SLAVES STOWED ON THE SHE
BETWEEN THE BEAMS: AND

Fig 3.

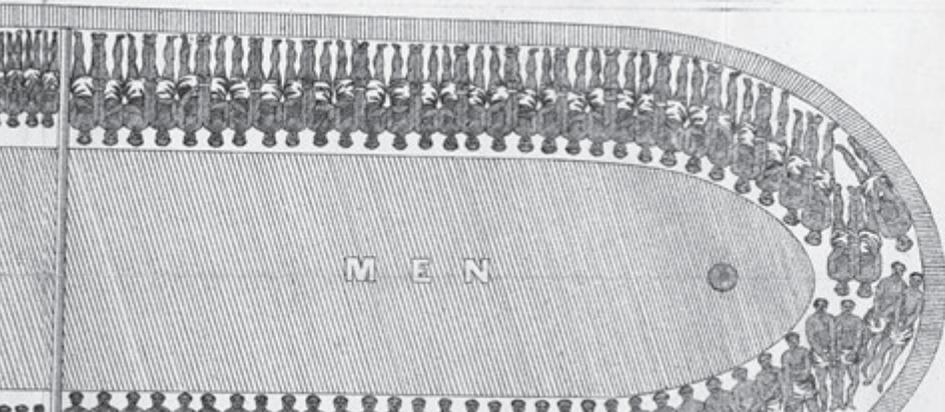


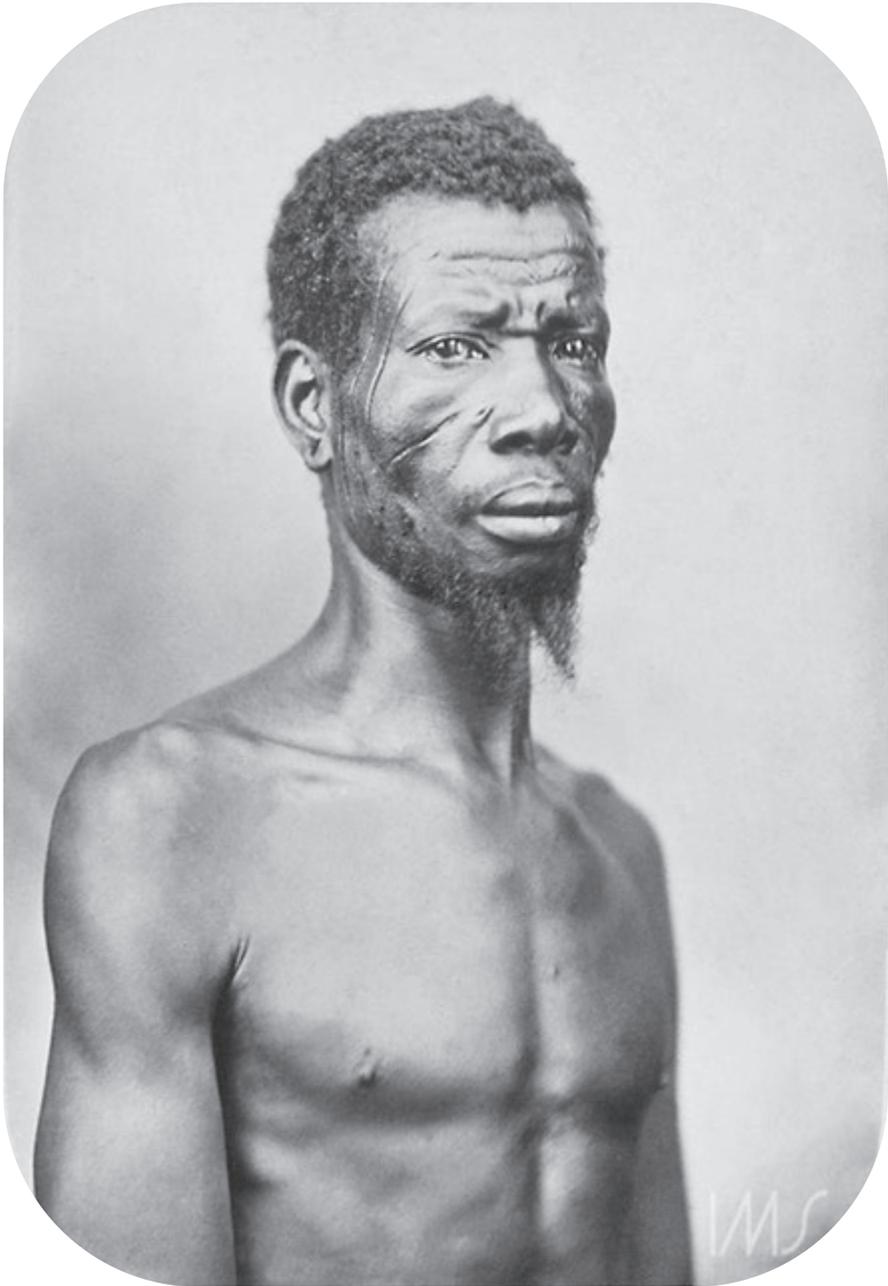
A escravidão, da alvorada do século XIX a 1869

THE STOWAGE OF 292 SLAVES
ON SHELVES AS SHEWN IN FIGURE B & FIGURE 5.



SIDES OF THE LOWER DECK BY MEANS OF PLATFORMS OR SHELVES
SLAVES AND BELOW THEM HAVE ONLY A HEIGHT OF 2 FEET 7 INCHES
OR FAR LESS UNDER THE BEAMS . See Fig 1.





Augusto Stahl | Coleção Gilberto Ferrez | Acervo do Instituto Moreira Salles

Escravidão com escarificações no rosto, c. 1864, Rio de Janeiro

A alvorada do século XIX, no coração da África negra

Como os mais poderosos importadores de africanos na segunda metade do século XVIII, e a Revolução Industrial a pleno vapor nos primeiros anos do XIX, os ingleses passam a atuar pelo fim do tráfico, visando à abolição da escravatura em todas as colônias europeias. As negociações e assinatura dos tratados, um atrás do outro, tinham uma meta: o novo modelo de produção e exploração do trabalho e a abertura de mercados para suas manufaturas. Era a virada do sistema escravista para o sistema capitalista. Na alvorada do XIX, uma fagulha muito tímida de liberdade crepitou nas fogueiras da África negra e nas senzalas coloniais.

Mas, para encontrar apoio no parlamento contra o poder de grandes fazendeiros do sistema escravista de produção e o riquíssimo comércio de africanos, quais foram os acontecimentos propícios para que a Coroa britânica encontrasse o caminho ideal e partisse para a ação, negociando acordos comerciais com outras monarquias, atrelados ao fim do tráfico? O movimento abolicionista independente, humanitário, e a ação junto à sociedade inglesa, no final do século XVIII. A estratégia dos abolicionistas teve um impacto enorme na sociedade e no parlamento inglês: vistas de reconhecimento dos caminhos da escravização de africanos, a partir da África até as colônias.

Criada em 1787, a Sociedade para Efetivar a Abolição do Comércio de Escravos² encontrou o caminho certo para conseguir adeptos. Com o máximo de provas obtidas em diferentes locais e circunstâncias, procuraram educar a população espalhando panfletos com relatos sobre a vida, as estruturas das sociedades africanas e o processo de aniquilação destas estruturas. Sobre as perseguições, assassinatos, destruição de casas e lavouras, sequestros, corrupção e negociações espúrias, com lideranças locais; as capturas aleatórias e a humilhante caminhada até os portos de embarque e os

2 Fundação da Sociedade para Efetivar a Abolição do Comércio de Escravos. Disponível em: <<https://www.historyofinformation.com/detail.php?id=3700>>. Acesso em: 13 jan. 2022.

absurdos navios negreiros. Por fim, a violência da desumanização nas colônias britânicas. O objetivo era expor as atrocidades em nome do enriquecimento da Coroa britânica, comover e angariar simpatias a favor do fim do tráfico negreiro e da abolição.

Em 1791, conseguem o apoio do senador Wilberforce. Convencido por Thomas Clarkson – membro fundador da Sociedade –, ao lhe oferecer o ensaio de sua autoria: “Ensaio sobre a Escravidão e o Commercio em Homens” ou a “Impolítica do comércio de escravos na África”. O mesmo material utilizado para conscientização da população. Wilberforce se une aos abolicionistas e apresenta no parlamento, pela primeira vez, o projeto de lei para a abolição do tráfico.

Uma das testemunhas teria narrado sobre as músicas que ouvira cantar os africanos aprisionados, nos porões dos navios:

As cantigas eram compostas de lamentações pela pátria perdida; choravam quando cantavam de sorte que um dos Capitães mais humano que os mais, ameaçou açoitá-la se continuasse a cantar, porque tão triste era a sua cantiga que lhe causava dor de coração. Porém para provar o quanto padecia esta gente nas viagens, bastava mostrar a mortandade que havia.³

As características da escravização africana – motivos e circunstâncias –, apresentadas pelo senador na expectativa de convencer seus pares sobre a necessidade de abolir o tráfico nos mostram o corrompimento das práticas africanas na escravização entre si e o surgimento do poderoso comércio de africanos.

Antes, resultado de dívidas, butim⁴ de guerra ou acolhimento de famílias fugindo de secas ou de inimigos, todavia eram inseridos no conjunto social e por vezes guerreiro, da aldeia. Mas a partir da chegada dos europeus à procura, em princípio, de marfim, ouro, cobre etc., em seguida engrossando o comércio com mão de obra africana escravizada para as colônias, tudo isto muda drasticamente.

3 *Breve resumo sobre a natureza do comércio de escravatura e das atrocidades que d'elle resultam: seguido de uma relação histórica dos debates que terminaram a final abolição.* Londres: Impresso por Ellerton e Henderson, Johnson's court, Fleet Street, 1821, p. 72. Na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7179>>. Acesso em: 8 jul. 2022.

4 Butim: bens que são tirados dos inimigos, em razão de uma guerra.